

O Buda da academia

Segunda-feira cedo na academia. Gomes como sempre na esteira, como sempre começando com o trote curto, como sempre seguindo o seu programa de exercícios, como sempre comendo com os olhos a instrutora de pilates. Como sempre sonhando em largar a Beth pra viver um caso louco com a instrutora de pilates em Cancún. Cancún era um motelzinho na rua da academia mesmo. Mas como sempre Gomes pensava nos dois lados da moeda: era melhor ficar com a sua coroa, mesmo que fosse cara. Na verdade Beth não era mais tão sua: dias antes tinha escutado através da porta uma conversa quando chegara do trabalho mais cedo, ela e sua amiga falavam sobre separação. A amiga falava pra ela pensar bem se realmente queria o divórcio, que casamento era uma coisa sagrada. Gomes surpreso atrás da porta. Beth concordando que era algo sagrado: se casara com um deus grego, pena que com o tempo ele virou um Buda. Gomes determinado atrás da porta.

Iam ver quem era o Buda agora. Gomes ia mudar da noite pro dia. Cogitou fazer redução de estômago, mas faltava-lhe estômago pra isso, além de custar os olhos da cara. Até que não era má idéia: como sempre Gomes tinha o olho maior que a barriga. Como sempre Gomes pegava o último pedaço de tudo, mesmo quando Zeca, seu amigo da firma encarnava nele: "quem come o último não casa, hein?". Como sempre Gomes ouvia e se arrependia de não ter pego os últimos pedaços dos últimos 20 anos. Ria ao lembrar disso, estirado na esteira de abdominal. Como sempre pensando que devia parar de fumar. Teimoso como sempre Gomes imaginava acender um cigarro na cama ao lado da instrutora de pilates, que assim como ele, estaria completamente nua. Mas a verdade nua e crua é que o mais próximo que ela chegou de lhe dar bola, foi quando lhe entregou a bola de ginástica. Como sempre Gomes sonhava com o dia que a instrutora de pilates lhe pediria sorrindo para revezar nos halteres com ele. Tinha até medo que seu coração não agüentasse.

Talvez fosse melhor que a Beth pedisse o divórcio mesmo. Todo casamento é assim, pensava, começa com declarações de amor e acaba com declarações de bens. Iria tirar um peso das suas costas. Mas outra já estava pedindo os pesos de volta: era a instrutora, que pedia, oh Meu Deus - e sorrindo- pra revezar com ele. Como sempre Gomes sentia aquela pontada

no coração. Como sempre sentia aquela coisa crescendo até não suportar mais. Peraí, como sempre não: já tinha sentido isso uma vez, mas nada tão sério assim. Como nunca antes, Gomes, caía duro no chão. Gomes finalmente recebia uma massagem da instrutora, não que uma massagem cardíaca fizesse exatamente parte das preliminares como ele imaginava, mas aquilo já era o paraíso. Como sempre Gomes não poderia evitar de pensar no que dizer por faltar o trabalho. Pela primeira vez a desculpa envolvia comparecer a um enterro de verdade. Pena que fosse o seu.

Pedro Malta